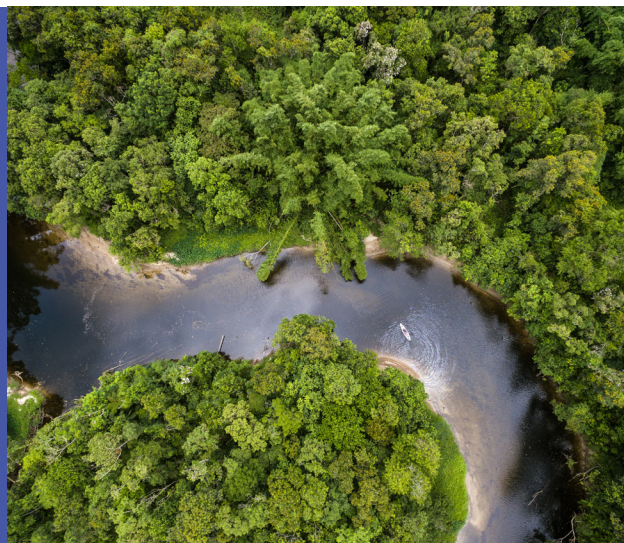


DIÁLOGO ABERTO

Filosofias contracoloniais: ser humano e natureza



Gustavo Frazao/Shutterstock.com

FIQUE SABENDO →

Relatório climático da ONU: estamos a caminho do desastre, alerta Guterres

O novo relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) indica que as emissões nocivas de carbono de 2010-2019 foram as mais altas na história da humanidade, com aumentos de emissões registrados “em todos os principais setores do mundo”.

Para o secretário-geral da ONU, António Guterres, esta é prova de que o mundo está em um caminho rápido para o desastre, que pode tornar o planeta inabitável. “Isso não é ficção ou exagero. É o que a ciência nos diz que resultará de nossas atuais políticas energéticas. [...]”

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Relatório climático da ONU: estamos a caminho do desastre, alerta Guterres.** Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/176755-relat%C3%B3rio-clim%C3%A1tico-da-onu-estamos-caminho-do-desastre-alerta-guterres>. Acesso em: 9 dez. 2024.

Como a mudança do clima afeta os povos indígenas no Brasil

As terras indígenas são territórios habitados de forma permanente pelos povos originários do Brasil. Usadas para

atividades produtivas e de subsistência como a agricultura, a pesca e a caça, elas são essenciais para preservar os recursos ambientais necessários para o bem-estar desses grupos e para sua reprodução física e cultural, de acordo com seus costumes e tradições.

[...]

A mudança climática provoca nas terras indígenas os mesmos efeitos que em outros lugares: eleva as temperaturas médias, altera os ciclos das chuvas e transforma também os ciclos das estações do ano. Grande parte do problema, porém, é que nesses territórios os impactos são aumentados, pois as populações locais têm uma relação mais próxima e dependente da natureza.

[...] Enchentes e secas prolongadas, por exemplo, afetam o volume dos rios e prejudicam a pesca, ao mesmo tempo que podem destruir cultivos e facilitar o espraio de pragas.

VICK, Mariana. Como a mudança do clima afeta os povos indígenas no Brasil. **Nexo Jornal**, 26 abr. 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2023/04/26/como-a-mudanca-do-clima-afeta-os-povos-indigenas-no-brasil>. Acesso em: 9 dez. 2024.

Comida que sustenta

No episódio “Sistemas agrícolas tradicionais do Brasil: diversidade para resistência”, do *podcast Comida que Sustenta*, a nutricionista Ana Lúcia Romito repercute a matéria “Sistemas Agrícolas Tradicionais do Brasil”, de Vanessa Costa Cançado Silva e Letícia Machado e publicada pela revista **Sustentarea**. O episódio fala da importância dos SAT para conquistar maior justiça alimentar e ambiental no Brasil.

Territórios indígenas são os mais preservados do país

Em mais uma constatação de que os povos indígenas são atores fundamentais para a proteção do meio ambiente e para o equilíbrio climático do planeta, um levantamento do MapBiomas mostrou que as terras indígenas perderam menos de 1% de sua área de vegetação nativa nos últimos 38 anos, enquanto nas áreas privadas, a devastação foi de 17%.

[...]

Os dados reforçam a importância da política de demarcação de territórios indígenas como fonte de preservação da biodiversidade e do equilíbrio climático.

Em fala recente a líderes internacionais, a ministra dos Povos Indígenas, Sonia Guajajara, destacou que: “se 82% da biodiversidade do planeta está sob a guarda dos povos indígenas no mundo, é urgente proteger os direitos desses povos. Se os direitos dos povos indígenas no mundo, os modos de vida, estão ameaçados, toda essa biodiversidade está ameaçada. Se essa biodiversidade está ameaçada, portanto, a humanidade inteira está em risco”.

BRASIL. Ministério dos Povos Indígenas. **Territórios Indígenas são os mais preservados do país**. Disponível em: <https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/assuntos/noticias/2023/09/territorios-indigenas-sao-os-mais-preservedos-do-pais>. Acesso em: 9 dez. 2024.

Glossário de termos do pensamento contracolonial brasileiro

A Associação Cultural Nonada Jornalismo produziu o Glossário de termos do pensamento contracolonial brasileiro, que traz breves explicações das principais ideias de intelectuais brasileiros que pensam com base na contracolonialidade. Na publicação, em formato de e-book, você encontra termos como “oralitura”, “encruzilhada” e “futuro ancestral”. São contempladas ideias de Ailton Krenak, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Leda Maria Martins, entre outros.

Filosofias contracoloniais: ser humano e natureza



A época em que vivemos é marcada por diversas crises conectadas entre si. Problemas como pobreza, fome e desigualdades sociais são agravados por um cenário político global em que proliferam inimizades, divisões e até mesmo guerras, apesar de esforços das organizações internacionais e das populações locais ao redor do mundo para tentar resolver essas questões. Como pano de fundo desses múltiplos conflitos sociais, cresce a ameaça da catástrofe ambiental e climática, consequência de um desenvolvimento econômico baseado na predação irrefreada da natureza. O aumento da temperatura média do planeta causado pelo efeito estufa, o acúmulo de plásticos e outros materiais não

biodegradáveis nos ecossistemas, a perda de biodiversidade, a poluição generalizada do ar e das águas — tudo isso é sintoma do modo de vida e do modelo de produção contemporâneos. Esse cenário tem o potencial de agravar outras crises ao tornar inabitáveis grandes áreas do planeta e gerar uma escassez de recursos inédita.

Diante desse contexto, surgem cada vez mais discussões que têm como centro os seguintes questionamentos: que tipo de relação nossa sociedade estabeleceu com a natureza? Em que momento essa relação começou a se desenvolver? E por que dessa maneira?

Ciência e metafísica colonial

Ao longo do período moderno, o pensamento europeu — e ocidental, de modo geral — se dedicou a investigar a verdade e o conhecimento, tentando compreender, ao mesmo tempo, como o intelecto humano funciona e como ele pode apreender corretamente o que acontece na natureza fora de nós. Filósofos empiristas e racionalistas, cada um à sua maneira, propuseram explicações para essa necessária correspondência entre nossos conceitos e as coisas em si mesmas, entre nossa percepção do tempo e do espaço e os movimentos reais de transformação do mundo à nossa volta. Um conjunto amplo de ideias filosóficas, teorias, experimentos e invenções técnicas lançou, então, as bases para o que viria a ser a Ciência e o método científico moderno. Mas esse conjunto não pretendia ser apenas um acúmulo de conhecimento abstrato ou simples reflexão contemplativa desinteressada, pelo puro amor ao saber; era uma **ferramenta de intervenção e de dominação da natureza**. A Filosofia e as ciências modernas estavam alinhadas, portanto, a um projeto de poder em que esse domínio sobre o mundo natural seria uma maneira de desencantar o mundo humano, até então povoado de mistérios cujo sentido era desvendado principalmente pela ordem imaginária e simbólica dos mitos, das lendas e da espiritualidade.



Retrato de Rene Descartes.

DEA/G. DAGLI ORTI/De Agostini/Getty Images

DEA/G. DAGLI ORTI/De Agostini/Getty Images



Na obra **Lição com planetário**, 1766, de Joseph Wright Derby, um cientista demonstra o funcionamento do Sistema Solar. A iluminação do quadro, que destaca o Sistema Solar e os rostos dos seres humanos que aprendem, representa a sabedoria, a luz. Essa é uma boa representação do valor dado à Ciência naquele momento – compreendida como uma ferramenta para dominar a natureza.

Ao mesmo tempo, essa mentalidade moderna que se formava como dominação do ser humano sobre a natureza não poderia ser dissociada de outra forma de dominação – a do Ocidente sobre o resto do mundo. A modernidade é uma **colonialidade**, de maneira que podemos falar das duas como um único processo histórico que compreende a formação de uma pluralidade de hierarquias assentadas sobre aquilo que o filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres (1971-) chamou de “catástrofe metafísica” e que o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro (1951-) chamou de “Grande Partilha”. Trata-se de uma **metafísica** que pressupõe a superioridade do homem branco europeu sobre todas as outras formas de vida, que supostamente deveriam servi-lo em seus empreendimentos de conquista e expansão. Como aponta Viveiros de Castro, vocalizando ironicamente a perspectiva ocidental:

Nós, só nós, os europeus, somos os humanos completos e acabados, ou melhor, grandiosamente inacabados os exploradores destemidos de mundos desconhecidos (*plus ultra!*), os acumuladores de mundos, os milionários em mundo, os “configuradores de mundos”. Como se vê, a metafísica ocidental é a *fons et origo* de toda espécie de colonialismo – interno (interespecífico), externo (entre-específico), e se pudesse, eterno (intemporal). Mas o vento vira, as coisas mudam, e a alteridade sempre termina por corroer e fazer desmoronar as mais sólidas muralhas da identidade.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosacnaify/n-1 Edições. p. 27.

Essa catástrofe metafísica que inaugura a modernidade corresponde, no campo dos saberes, à catástrofe demográfica sofrida pelos povos ameríndios com a invasão das Américas pelos colonizadores europeus do século XV em diante. A modernidade já começa com um dos maiores genocídios da história humana e, assim, com certo “fim de mundo” – o fim do mundo dos povos originários do continente como até então se conhecia. Foi esse o gesto inaugural de afastamento entre o ser humano moderno e a natureza, gesto que era, antes de tudo, o de uma segregação dos seres humanos entre si pela pressuposição de uma superioridade do branco sobre o negro e o indígena (e também a pressuposição da superioridade do homem sobre a mulher).

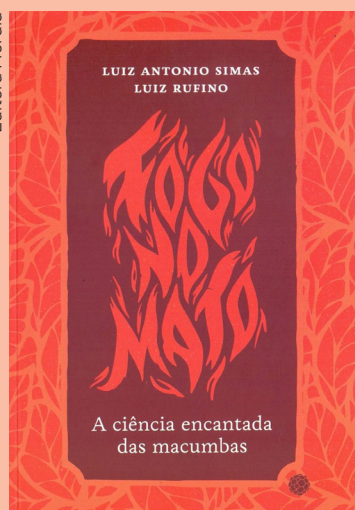
Glossário

Colonialidade

é um conceito elaborado na Filosofia contemporânea que diz respeito à continuidade de aspectos sociais, políticos, econômicos e subjetivos desenvolvidos no colonialismo nas sociedades pós-coloniais. A forma como o racismo se mantém na sociedade, por exemplo, é um aspecto da colonialidade, uma vez que o racismo, como existe na atualidade, foi globalmente estruturado no período colonial.

Metafísica é uma área da Filosofia que estuda as questões que estão além da “física”. Algumas questões da Metafísica são: o que é a experiência? O que é o ser? O que existe além do que podemos ver e tocar?

Editora Mórula



O Atlântico é uma gigantesca encruzilhada. Por ela atravessaram sabedorias de outras terras que vieram imantadas nos corpos, suportes de memórias e de experiências múltiplas que, lançadas na via do não retorno, da desterritorialização e do despedaçamento cognitivo e identitário, reconstruíram-se no próprio curso, no transe, reinventando a si e o mundo. O colonialismo se edificou em detrimento daquilo que foi produzido como sendo o seu outro. A agenda colonial produz a descredibilidade de inúmeras formas de existência e de saber, como também produz a morte, seja ela física, através do extermínio, ou simbólica, através do desvio existencial.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018. p. 11.

No livro **Fogo no mato**, Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino resgatam tradições e saberes dos povos negros do Brasil, explorando formas de resistência e insurgência dessas populações. Os autores mostram como o colonialismo foi um processo não somente de genocídio das populações originárias e de violência física contra aquelas trazidas ao território brasileiro escravizadas, mas de apagamento de sua cultura e subjetividade. Esse apagamento das culturas não brancas e não europeias foi nomeado **epistemicídio** pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos.

A emergência do Antropoceno

DELBO ANDREA/Shutterstock.com



No Capitalismo, somos incentivados ao consumo irrefreado de produtos que dependem da exploração insustentável de bens naturais para sua produção e acabam gerando toneladas de lixo, ambos movimentos que contribuem para a crise ambiental. A fotografia é de Agbogbloshie, em Gana, África, que recebe toneladas de lixo eletrônico por ano vindo de todo o mundo.

Essa segregação política e metafísica era, e ainda é, estranha aos modos de vida e de saber dos povos originários. Trata-se de uma marca própria da “civilização” ocidental que se transformou ao longo da história, mas jamais desapareceu por completo; ao contrário, ela se tornou mais tarde a base sólida da Revolução Industrial, bem como da Ciência e da tecnologia de produção em larga escala de mercadorias. Nesse contexto, o conhecimento é um instrumento para dobrar a natureza à nossa vontade, transformá-la em um “recurso” ou um “insumo” para a fabricação de objetos dos quais nos cercamos, artefatos que, aos poucos, substituem a própria natureza como nosso ambiente.

A sensação de separação entre o ser humano e a natureza provém dessa instrumentalização das coisas, em que deixamos de nos perceber como parte integral do mundo natural – ou melhor, deixamos de nos ver como seres naturais e passamos a conceber o mundo humano como um mundo à parte.

Essa separação faz sentido? Ela é sustentável na prática? A ideia de que a natureza é um recurso a ser explorado indefinidamente em função do lucro pela produção industrial levou a uma nova catástrofe, que estamos vivendo: o colapso climático. Esse colapso é a última consequência do modo de vida moderno, inaugurado pela colonização e consolidado pela industrialização. Ele se apresenta como um novo “fim de mundo”, agora em escala planetária, em que tanto a civilização ocidental quanto todas as outras sociedades, bem como todas as espécies de seres vivos e ecossistemas, encontram-se em sério risco.

A intervenção humana sobre a natureza ganhou tal dimensão que se afirma que já estaríamos em uma nova era geológica; não mais o Holoceno, mas o **Antropoceno**, a era em que o ser humano passou a ser o maior fator de perturbação do equilíbrio do sistema terrestre. Tal intervenção se acelerou cada vez mais, ganhando maior velocidade após a Segunda Guerra Mundial e o aumento exponencial da produção econômica global baseada em petróleo. Nas décadas recentes, chegou-se a uma conclusão: esse processo está chegando a um limite que não pode ser atravessado.



Marcos Amend/Greenpeace/Pulsar Imagens

Vista aérea de garimpo ilegal na terra indígena da etnia Munduruku, em Altamira (PA).

Na edição do **Resenha de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas** de outubro de 2024, discutimos a crise climática. A especialista em política climática Stela Herschmann conversou com o ativista pelo clima Mateus Fernandes sobre os principais motivos da crise em que nos encontramos e como podemos fazer para revertê-la. Sim, ainda há tempo. Um dos pontos que Herschmann destaca é a necessidade de eliminar definitivamente o uso de combustíveis fósseis. Não deixe de assistir ao programa para se apropriar melhor desse tema tão importante para nossas vidas e para as provas de vestibular.

Modos de vida e saberes contracoloniais

Cadu De Castro/Pulsar Imagens



Habitação localizada no quilombo Itamatatua, em Alcântara (MA), certificado como remanescente pela Fundação Cultural Palmares.

Em contraste com o modo de vida fundado na exploração desenfreada do mundo natural e na divisão hierárquica do mundo humano, os povos originários de várias culturas vivem em integração com a “natureza”, portanto em outra “metafísica”. Essas palavras devem ser colocadas entre aspas porque, neste caso, elas não expressam suficientemente a cosmologia desses diversos povos. Isso porque a própria noção de natureza e humanidade como coisas apartadas é uma construção ocidental, assim como a do conceito de Metafísica, que faz parte da história da Filosofia ocidental.

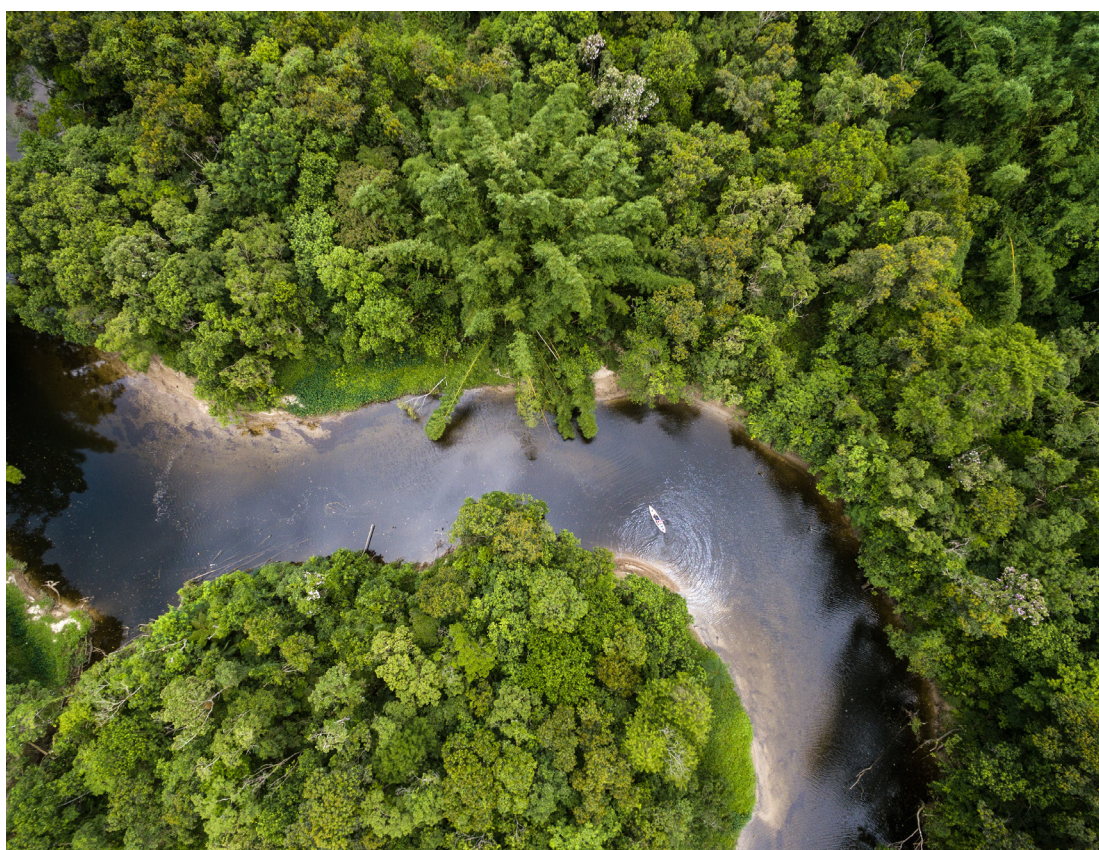
Antônio Bispo dos Santos (1959-2023), o Nego Bispo, aponta que tampouco seria inteiramente adequado chamar essas perspectivas originárias de “decoloniais”, mesmo que em referência aos livros de autores indígenas e quilombolas que têm sido lançados. O correto, para Nego Bispo, seria a ideia de **contracolonialidade**, pois se trata de uma forma de vida que jamais foi colonizada, que sobreviveu se adaptando sem deixar de resguardar seu universo de sentidos e significados originais.

Estamos falando de um modo de vida em que a natureza não é um recurso ou um instrumento, nem a humanidade é algo diferente dessa natureza. Na verdade, desse ponto de vista, pode-se questionar se ainda cabe usar a palavra “humanidade”, já que, historicamente, a noção de uma humanidade comum também foi construída como parte central do ideal civilizatório europeu, com sua Metafísica que dividia os seres em humanos, não humanos e sub-humanos. Grande parte dos povos ficou de fora dessa “humanidade”. Para a maioria dos povos indígenas, ao contrário, a personalidade ou o atributo de “pessoa” é conferido a todos os entes existentes; cada ente tem, por sua vez, uma perspectiva singular sobre o mundo. Como afirma Ailton Krenak:

[...] Quando nós falamos que o nosso rio é sagrado, as pessoas dizem: “Isso é algum folclore deles”; quando dizemos que a montanha está mostrando que vai chover e que esse dia vai ser um dia próspero, um dia bom, eles dizem: “Não, uma montanha não fala nada”.

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 24.



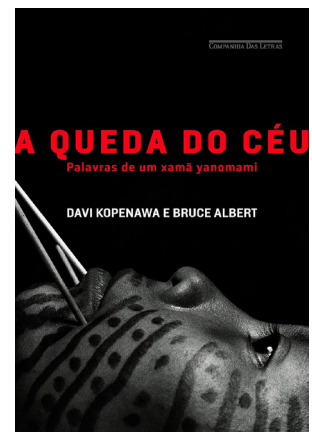
Gustavo Frazao/Shutterstock.com

Embarcação atravessa rio localizado em terra Yanomami.

Para impedir a queda do céu

Como sociedades firmemente enraizadas na relação com a terra e com aquilo que chamamos de “natureza”, os povos originários são pilares de resistência ao modelo de vida predatório inaugurado pela modernidade/colonialidade, especialmente no período crítico em que adentramos nas últimas décadas, com a crise climática.

Os povos indígenas brasileiros têm se organizado para ocupar posições de negociação em órgãos especiais das Nações Unidas para o clima e o meio ambiente e outras organizações internacionais, reivindicando para si a legitimidade de lideranças no combate ao colapso climático e à perda da biodiversidade. Esses povos apontam, com razão, que seus territórios funcionam como refúgios para a preservação ambiental e barreiras ao avanço de empreendimentos que podem acentuar os problemas existentes.



Em um livro lançado em parceria com o antropólogo francês Bruce Albert, o xamã ianomami David Kopenawa conta a história ancestral da “queda do céu”, evento cataclísmico que assinalaria o fim de um ciclo de vida do mundo e o início de outro. O mundo-floresta atual é o céu caído de um ciclo passado que, ao mesmo tempo, sustenta o céu atual; ele, por sua vez, deve ser mantido para que não desabe sobre nós – a tarefa dos xamãs seria justamente impedir a queda do céu.

É em referência a essa noção que a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) fecha sua carta-manifesto direcionada à COP16 – Conferência das Nações Unidas sobre Biodiversidade. O documento declara uma firme recusa em aceitar tanto a continuidade da destruição planetária quanto as soluções demagógicas frequentemente oferecidas pelos representantes de Estados para esta grave crise: “Convocamos todos os povos indígenas, parceiros, aliados e todos que se importam com a vida na Terra a se juntarem ao nosso chamado para, coletivamente, segurar o céu. Se depender de nós, o céu não irá desabar”.

Sobre o(a) autor(a)



Yasmin Teixeira é graduada em Psicologia e Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), mestre e doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Realizou também período de pesquisa no Departamento de Filosofia da Université Paris VIII, na França. Atualmente, dedica-se à autoria de materiais didáticos.

Competências gerais da BNCC

1, 7, 9, 10

Orientações

O texto propõe uma articulação entre a atualidade dos problemas relativos ao meio ambiente e tópicos de Filosofia moderna, pensamento decolonial e contracolonial. Para tanto, resgata ideias gerais a respeito de como as ciências modernas se desenvolveram com base em certa epistemologia que, a rigor, não poderia ser analisada sem ter em vista o projeto europeu moderno de dominação sobre a natureza e sobre o mundo.

Esse projeto pressupunha, assim, uma metafísica particular que se fundamentava no colonialismo e que instaurou a partilha do mundo em categorias hierárquicas em que os seres seriam enquadrados. Nessa hierarquia, aqueles que se enquadrassem na categoria da “humanidade” – neste caso, sinônimo de homem branco – estariam acima de todos os outros. Essa forma de compreender o mundo teve as consequências práticas que observamos hoje, séculos depois, com o total estranhamento entre ser humano e natureza na sociedade em que vivemos.

Como contraponto, o modo de vida dos diversos povos originários, entre indígenas e quilombolas, se constitui de outra maneira e com outra compreensão dos seres existentes, em que todos têm, de algum modo, um ponto de vista. Integrados completamente com aquilo que chamamos de natureza, os territórios desses povos estão entre os que melhor preservam o meio ambiente e contribuem para refrear o caminho destrutivo que a civilização contemporânea tem seguido.

Compreender essas filosofias contracoloniais, isto é, as formas de pensamento de povos originários que se preservaram sem jamais ter efetivamente sucumbido à colonialidade, é essencial para que se possa vislumbrar outros caminhos para a relação homem-natureza.

O material aponta, assim, para um diálogo interdisciplinar que traz conceitos e reflexões da Filosofia como subsídios para aprofundar a apreensão de questões contemporâneas que estão no centro das preocupações políticas, éticas e sociais. Para que o papel das cosmovisões indígenas e quilombolas no enfrentamento aos desafios atuais seja evidenciado, é importante considerar o cenário da crise climática e da perda de biodiversidade, incluindo suas causas históricas e os prognósticos a respeito dos seus impactos para as sociedades.

Referências

APIB. **A resposta somos nós**. Disponível em: <https://apiboficial.org/2024/10/26/a-resposta-somos-nos/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

BISPO DOS SANTOS, A. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há mundo por vir?** Sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. São Paulo: Autêntica Editora, 2018.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. **COP16**: sobre o evento. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/composicao/sbio/cop-da-biodiversidade/cop-16>. Acesso em: 15 dez. 2024.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã ianomâmi. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NEGO Bispo – Trajetórias. Produção: Itaú Cultural. 20 fev. 2024. Vídeo (23min40s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tqt9BnrolFg>. Acesso em: 19 dez. 2024.

ONU NEWS. **Conheça as cinco principais negociações da COP16**, em Cáli, na Colômbia. 29 out. 2024. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/10/1839906>. Acesso em: 19 dez. 2024.

Material complementar

A ÚLTIMA floresta. Direção: Luiz Bolognesi. Produção: Caio Gullane, Fabiano Gullane, Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi. Roteiro: Davi Kopenawa Yanomami e Luiz Bolognesi. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P88Mnpkdfa4>. Acesso em: 18 dez. 2024.

CIÊNCIA indígena e crise climática: sistema tradicional do Rio Negro. Produção: National Geographic Brasil. 18 out. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Wwh3Nd3kyg>. Acesso em: 19 dez. 2024.

POMPERMAIER, P. H. Das palavras que germinam e desatam o colonialismo. Entrevista com Nego Bispo. **Revista Cult**, 21 jul. 2023. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-nego-bispo/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

VOZES da floresta: Ailton Krenak. Produção: Le Monde Diplomatique. 14 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJlh1os4w>. Acesso em: 19 dez. 2024.

REFLEXÃO NA PRÁTICA

Conteúdo desta edição

- Filosofias modernas e fundamentos da Ciência como dominação da natureza.
- Modernidade, colonialidade e origens do Antropoceno.
- Catástrofe metafísica e catástrofe climática.
- Pensamento contracolonial dos povos originários.
- Preservação ambiental e cosmovisões ameríndias.



Roman Samborsky/Shutterstock.com/
natrot/Shutterstock.com

Organizando as ideias

- 1 O Empirismo e o Racionalismo foram correntes da Filosofia moderna que buscaram elaborar teorias que explicassem como o conhecimento verdadeiro é possível. Mais tarde, filósofos iluministas, como Immanuel Kant (1724-1804), propuseram certa conciliação das posições epistemológicas dessas duas correntes. Aponte de que maneira essas modernas teorias do conhecimento concebiam, em geral, a relação entre ser humano e natureza.
- 2 As filosofias decoloniais afirmam que há uma relação tão próxima entre modernidade e colonialidade que os dois conceitos poderiam ser tratados como um só, o que é notado pela expressão “modernidade/colonialidade”. Descreva brevemente a relação entre a modernidade filosófica e a colonialidade.
- 3 Segundo Antônio Bispo, o pensamento dos povos originários é mais bem descrito pela ideia de contracolonialidade. Enumere algumas características desses pensamentos contracoloniais.

Debate e reflexão

As cosmovisões indígenas são marcadas por aquilo que Eduardo Viveiros de Castro chamou de “perspectivismo”. O perspectivismo ameríndio é uma “metafísica” social segundo a qual todos os entes, desde os rios e montanhas até as árvores e os seres humanos, têm certa subjetividade que se expressa como ponto de vista sobre o mundo. Assim, pode-se dizer que nessas cosmovisões o atributo de ser uma pessoa não é exclusivo de indivíduos da nossa espécie, mas uma característica própria de todo existente, de tal maneira que todas as coisas são percebidas como seres com vida. Para aprofundar a compreensão das cosmovisões indígenas, junte-se a um grupo de colegas para realizar as tarefas a seguir.



- 1** Pesquisem a quantidade de etnias indígenas existentes no Brasil hoje e quantos idiomas nativos são falados por esses povos. Procurem mapas com as localizações dessas etnias distribuídas no território brasileiro.
- 2** Em seguida, utilizem um mapa da distribuição dos biomas brasileiros para visualizar em qual bioma cada território indígena se localiza. Busquem também mapas que indiquem quais são as áreas mais bem preservadas no país. Cruzem essa informação com a anterior e verifiquem se as áreas com maior biodiversidade e vegetação originária coincidem com reservas indígenas.
- 3** Por fim, pesquisem dois mitos ou narrativas provenientes de duas das etnias pesquisadas e discutam seu significado, buscando compreender como esses mitos expressam a relação desses povos com a natureza.

No vestibular

(Unesp 2022)

Texto 1

É com Descartes que a oposição homem-natureza se tornará mais completa, constituindo-se no centro do pensamento moderno e contemporâneo. O homem, instrumentalizado pelo método científico, pode penetrar os mistérios da natureza e, assim, tornar-se “senhor e possuidor da natureza”.

(Carlos W. P. Gonçalves. *Os (des)caminhos do meio ambiente*, 1989. Adaptado.)

Texto 2

Quando a gente quis criar uma reserva da biosfera em uma região do Brasil, foi preciso justificar para a Unesco [Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura] por que era importante que o planeta não fosse devorado pela mineração. Para essa instituição, é como se bastasse manter apenas alguns lugares como amostra grátis da Terra.

(Ailton Krenak. *Ideias para adiar o fim do mundo*, 2019.)

Ailton Krenak constata os princípios da filosofia cartesiana ao reconhecer que:

- a. a natureza operacionalizada serve aos humanos de forma harmônica e reforça a relevância de todos os seres vivos.
- b. o método cartesiano tem sido utilizado na natureza a partir de medidas ecológicas estabelecidas pela Unesco.
- c. os órgãos oficiais vêm se esforçando pelo equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a preservação da natureza.
- d. as instituições que representam a humanidade negligenciam a integral manutenção do meio ambiente.
- e. a dúvida cartesiana não permite afirmações sobre o desenvolvimento sustentável, por estas serem inconclusivas.

Na hora da redação

A emergência climática tem sido um tema comum em questões de vestibulares nos últimos anos. Abordar o tema de uma perspectiva filosófica em uma possível redação sobre o assunto pode ser um diferencial, uma vez que a Filosofia foi compreendida muitas vezes como a “mãe de todas as ciências”. Embora os fundamentos filosóficos das ações políticas, econômicas ou sociais sejam raramente considerados ou diretamente acionados quando elas se dão, é importante não os desconsiderar. Conhecer como a Filosofia ocidental construiu uma ruptura entre o ser humano e a “natureza”, legitimando sua dominação e exploração, é interessante para pensar como chegamos à situação contemporânea do risco de catástrofe ambiental. Tendo isso em mente, é instigante explorar as formas de pensar a relação entre ser humano e natureza de outras filosofias não hegemônicas e considerar como diferentes compreensões de mundo podem criar cenários concretos tão distintos do nosso.

Dica para o professor

Organizando as ideias

1. Tanto filosofias racionalistas, como a de René Descartes, quanto filosofias empiristas, como a de Roger Bacon, apresentaram teorias do conhecimento em que se buscava analisar de que maneira o entendimento humano funciona e como nossas ideias correspondem aos objetos. Essas teorias não eram neutras ou isentas em termos políticos e econômicos. Elas pressupunham uma oposição originária entre ser humano e natureza e, assim, refletiam em suas concepções a noção de que a Ciência poderia ser uma ferramenta de dominação do mundo natural em prol do progresso humano.
2. A modernidade foi um fenômeno amplo, de aspectos culturais, filosóficos, econômicos, políticos e sociais. No que diz respeito à Filosofia, a modernidade lançou concepções que fundamentavam os empreendimentos político-econômicos do colonialismo, colocando hierarquias epistêmicas e metafísicas cuja premissa básica era a de que o homem branco europeu estaria acima de todos os outros seres humanos e também acima de todos os outros entes do mundo natural. Desse modo, a modernidade filosófica contribuía também para a colonialidade, permitindo justificar a invasão e exploração econômica de territórios e a destruição de modos de vida não europeus.
3. Povos indígenas e quilombolas são contracoloniais porque os campos de sentido e a organização social construída por eles se preservaram a despeito da colonização. Entre as características do pensamento contracolonial desses povos estão a não separação entre ser humano e natureza e a relação direta com a terra; no caso de povos ameríndios, há a noção de que o atributo de pessoa se aplica também a seres não humanos e a ideia de que todos os entes têm uma perspectiva própria sobre o mundo.

Debate e reflexão

A atividade visa construir um panorama das diversas etnias e grupos linguísticos indígenas do Brasil por meio de mapas, evidenciando a relação entre a ligação desses povos com seu território e a preservação dos ecossistemas correspondentes. Um estudo amplo sobre essa relação pode ser encontrado, por exemplo, em Mapbiomas.org. A última tarefa pretende apresentar exemplos concretos de como as cosmovisões indígenas são construídas por aquilo que os antropólogos convencionaram chamar de mito, isto é, narrativas transmitidas oralmente a respeito das origens do mundo e das “perspectivas” dos seres que o povoam. É nessas histórias que se pode encontrar a metafísica perspectivista dessa forma contracolonial de pensamento, que se funda na relação com a terra e inseparabilidade entre ser humano e natureza.